



Ruan



Papa Leão X (11 de dezembro de 1475 – 1 de dezembro de 1521) foi papa de 1513 até sua morte. Ele foi o último não-sacerdote a ser eleito Papa. Ele é conhecido principalmente por ser o papa do início da Reforma Protestante, iniciada por Martinho Lutero por suas 95 teses. Ele nasceu com o nome de Giovanni di Lorenzo de Medici. Ele era o segundo filho de Clarice Orsini e Lorenzo de Medici, o governante mais famoso da República de Florença. Seu primo, Giulio di Giuliano de Medici, viria a sucedê-lo como Papa Clemente VII (1523-34).

Papa Leão X (11 de dezembro de 1475 – 1 de dezembro de 1521) foi papa de 1513 até sua morte. Ele foi o último não-sacerdote a ser eleito Papa. Ele é conhecido principalmente por ser o papa do início da Reforma Protestante, iniciada por Martinho Lutero por suas 95 teses. Ele nasceu com o nome de Giovanni di Lorenzo de Medici. Ele era o segundo filho de Clarice Orsini e Lorenzo de Medici, o governante mais famoso da República de Florença. Seu primo, Giulio di Giuliano de Medici, viria a sucedê-lo como Papa Clemente VII (1523-34).

Postado por
Historias do Ruan às 07:01 Nenhum

comentário: Enviar por e-mail BlogThis!

Compartilhar no Twitter Compartilhar no Facebook

Compartilhar com o Pinterest Henrique II

Plantageneta (5 de Março de 1133 – Le Mans, França, 6 de Julho de 1189) foi Conde de Anjou, de Poitiers, Duque da Normandia e Rei de Inglaterra de 1154 até à sua morte, em 1189, tendo sido o primeiro monarca da dinastia angevina, os Plantagenetas. Era filho de Matilde de Inglaterra e de Godofredo V, Conde de Anjou e sucedeu ao primo em segundo grau Estêvão I de Inglaterra no fim da Anarquia. Henrique foi apelidado com vários cognomes, entre eles "Curt Mantle", devido aos mantos curtos que preferia usar, e "FitzEmpress" numa referência à sua mãe, em dada altura Imperatriz consorte do Sacro Império. Postado por Historias do Ruan às 06:59 Nenhum comentário: Enviar por e-mail BlogThis! Compartilhar no Twitter Compartilhar no Facebook Compartilhar com o Pinterest Lutero estava galgando os escalões da Igreja Romana e estava muito envolvido em seus aspectos intelectuais e funcionais. Por outro lado, também estava envolvido em questões pessoais quanto à salvação pessoal. Sua vida monástica e

intelectual não forneciam resposta aos seus anseios interiores, às suas aflitivas indagações. Seus estudos paulinos deixaram-no mais agitado e inseguro, particularmente diante da afirmação "o justo viverá pela fé", Romanos 1:17. Percebia ele que a Lei e o cumprimento das normas monásticas, serviam tão-somente para condenar e humilhar o homem, e que nesta direção não se pode esperar qualquer ajuda no tocante à salvação da alma. Martinho Lutero, estava trabalhando em "repensar o evangelho". Sendo monge agostiniano, fortemente influenciado pela teologia desta ordem monástica, paulina quanto aos seus pontos de vista, Lutero estava chegando a uma nova fé, que enfatizava a graça de Deus e a justificação pela fé. Esta nova fé tornou-se o ponto fundamental de sua preleções. No seu desenvolvimento começou a criticar o domínio da filosofia tomista sobre a teologia romana. Ele estudava os escritos de Agostinho, Anselmo e Bernardo de Claraval, descobrindo nestes, a fé que começava a proclamar. Staupitz, orientou-o para que estudasse os místicos, em cujos escritos se consolou. Em 1516, publicou o devocionário de um

místico desconhecido, "Theologia Deutsch". Tornou-se pároco da igreja de Wittenberg, e tornou-se um pregador popular, proclamando a sua nova fé. Opunha-se a venda de indulgências comandada por João Tetzel. Postado por Historias do Ruan às 06:46

Nenhum comentário: Enviar por e-mail BlogThis!

Compartilhar no Twitter Compartilhar no Facebook

Compartilhar com o Pinterest terça-feira, 24 de maio

de 2011 a Quinta-feira, Setembro 30, 2004 A QUEDA

DE ROMA Poucos acontecimentos provocaram tanto

choque e estupefacção como o saque de Roma pelos

Visigodos, no ano 410 da nossa Era. Apesar de há

muito não ser a residência principal dos imperadores

do Ocidente – que preferiam estabelecer-se perto das

fronteiras, em cidades fortificadas como Milão,

Ravena, Sirmium ou Treveri -, Roma era ainda a

capital espiritual, económica e política do mundo

romano. Com cerca de um milhão de habitantes,

Roma era ainda a maior cidade do Ocidente. Os

imperadores continuavam a manter a populaça

romana através dos abastecimentos da Anona, as

famílias da aristocracia tradicional continuavam a

fixar residência e a possuir

luxuosos palácios na Urbs, enquanto o Senado existia ainda como reserva moral e política do Império. Apesar das dificuldades dos anos anteriores – as derrotas na Mesopotâmia e Andrinopla, as guerras civis, etc -, era crença generalizada que o poder, a riqueza e a majestade de Roma subsistiriam ad aeternum. Ninguém esperava que a capital do mundo seria tão facilmente conquistada por um exército bárbaro. Desde a invasão gaulesa, no século IV a.C., que Roma não era pisada por exércitos estrangeiros. O próprio Aníbal, com todo o seu génio militar, não conseguira mais que cercar a cidade. Como caiu então Roma em poder dos Visigodos? Ora antes de mais, vejamos o que conduziu a este trágico desfecho. Desde os tempos de Teodósio, O Grande, que os Visigodos serviam no exército romano como “federados” (foederati). As duas grandes derrotas sofridas pelas legiões no espaço de vinte anos, na Mesopotâmia e nos Balcãs, privaram o Império das suas melhores forças. Teodósio viu-se forçado a arrolar soldados bárbaros, “barbarizando” desse modo o exército. Alguns historiadores consideram que foi esta a principal

razão para a queda do Império: Roma abdicou da excelência militar que nos séculos anteriores lhe dera a supremacia sobre os povos estrangeiros. O exército romano “barbarizou-se”, afrouxando a disciplina e abandonando as táticas ancestrais. O próprio equipamento militar perdeu qualidade, na medida em que as grandes oficinas imperiais tinham cada vez mais dificuldade em suprir as necessidades do exército. Além disso, os bárbaros que combatiam sob o estandarte imperial faziam-no à maneira dos seus antepassados, sendo liderados pelos seus próprios chefes e reis. Quando o partido “nacionalista” se acercou do poder, após a morte de Teodósio e da queda em desgraça do seu lugar-tenente semi-bárbaro Estilicão – o último general que poderia ter salvo o Ocidente –, os bárbaros foram expulsos do exército romano (e, em alguns casos massacrados). Mas era tarde demais, para além de contraproducente; os soldados bárbaros eram os únicos que poderiam defender o Império dos seus inimigos ainda mais bárbaros. E na origem da guerra com os Visigodos – que já antes se tinham revoltado devido ao tratamento que lhes era dado pelos

funcionários imperiais da distribuição de alimentos -, estava a pretensão que Alarico, rei dos Visigodos, tinha de suceder a Estilício como comandante supremo do exército do Ocidente. Como o governo de Honório recusou, estalou a guerra. Alarico cercou Roma por três vezes. O primeiro cerco foi levantado através do cumprimento das suas exigências por parte do Senado romano: entrega de todo o ouro e prata da cidade, de todos os móveis ricos e preciosos, e de todos os escravos que pudessem provar o seu direito ao nome de “bárbaros”. Estupefactos, os enviados do Senado atreveram-se a perguntar ao rei dos Godos: “Se são essas as tuas vontades, ó rei, o que tens de deixar-nos?” O conquistador respondeu secamente: “As vossas vidas”. Durante este primeiro cerco, o pânico, a fome e o desespero na cidade foram tantos, que o próprio Papa Inocêncio concordou em que se realizassem sacrifícios pagãos pela salvação da República. Postado por Historias do Ruan às 07:14

Nenhum comentário: Enviar por e-mail BlogThis!
Compartilhar no Twitter Compartilhar no Facebook
Compartilhar com o Pinterest quarta-feira, 11 de maio de 2011 A

invasão muçulmana da Península Ibérica, também chamada conquista árabe ou conquista muçulmana, refere-se a um série de deslocamentos militares e populacionais ocorridos a partir do esforço iniciado em 711, quando tropas muçulmanas vindas do Norte da África, lideradas pelo general Tárique, cruzaram o mar Mediterrâneo, na altura do estreito de Girabaltar, e entraram na península ibérica, vencendo Rodrigo, o último rei visigodo da Hispânia, na batalha de Guadalete. Após a vitória, termina o Reino Visigótico de Toledo. A Reconquista durou toda a Idade Média e só terminou no início da Idade Moderna, em 1492, quando os muçulmanos foram definitivamente expulsos pelos Reis Católicos, Fernando e Isabel.

Postado por Historias do Ruan às 04:36 Nenhum comentário: Enviar por e-mail BlogThis!

Compartilhar no Twitter Compartilhar no Facebook
Compartilhar com o Pinterest No Natal do ano 800, Roma viveu uma invasão pacífica de nobres e guerreiros francos. Na antiga Basílica de São Pedro, onde o papa Leão III celebrou a missa de Natal, reuniram-se autoridades eclesiásticas (religiosos) e líderes políticos, entre eles, Carlos – rei dos francos e

lombardos. Antes do início da Missa, Carlos Magno dirigiu-se à tumba de São Pedro [...]. O Sumo Pontífice (o papa) aproximou-se dele, trazendo um diadema (coroa) de ouro. E então, para surpresa de muitos, Leão III coroou o rei franco como imperador do Sacro Império romano, investindo-o da suprema autoridade temporal sobre os povos cristãos do Ocidente. [...]

Quadro mostra a coroação de Carlos Magno pelo Papa Leão III – museu do vaticano A coroa selou

formalmente o que Carlos já incorporava na prática, há muito tempo [...]. Era o único líder com poder suficiente para derrubar o papado. A partir da coroação de Carlos, o papado e o Império tornaram-se os principais centros de poder espiritual e temporal.

fonte: Encyclopédia Britannica do Brasil Publicações

Ltda. Technorati Marcas: Coroação de Carlos Magno

Postado por Historias do Ruan às 04:27 Nenhum

comentário: Enviar por e-mail BlogThis!

Compartilhar no Twitter Compartilhar no Facebook

Compartilhar com o Pinterest terça-feira, 19 de abril

de 2011 Tomada da constantinopla Tomada de

Constantinopla pelos Turcos Otomanos Nos séculos

XIII e XIV, os turcos otomanos

conquistaram os territórios do Império Bizantino a ocidente da Anatólia e a sudeste da Europa. Em 1444, combateram com um exército de cruzados e, nove anos depois, em 1453, tomaram Constantinopla, fazendo da cidade a capital do Império Otomano. Em 1468, alargaram o império a leste do Rio Eufrates e a oeste, em direção à Hungria. No final do século XVI, detinham já a maior parte dos Balcãs, da Hungria, na Europa Central, e uma grande porção do Médio Oriente e da África do Norte.